



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao sexto dia do mês Agosto de 2016, compareceu para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, a aluna **MARIENNE CACHO PIRES**, tendo como título "*Análise Logística, Funcional e seus Parmenores Dentro do Terceiro Setor*".

Constituíram a Banca Examinadora o (a)s docentes Dr. Alfa Oumar Diallo (orientador), Dr. Mário Teixeira de Sá Junior (examinador) e Me. Arthur Pinheiro de Azevedo Banzatto (examinador).

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado aprovado.

Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

Observações: _____

Assinaturas:

Alfa Oumar Diallo
Doutor - Orientador

Mário Teixeira de Sá Junior
Doutor - Examinador

**Arthur Pinheiro de Azevedo
Banzatto**
Mestre - Examinador

AIESEC: ANÁLISE LOGÍSTICA, FUNCIONAL E SEUS PORMENORES DENTRO DO TERCEIRO SETOR.

PIRES¹, Marianne Cacho.

DIALLO², Alfa Oumar.

Resumo: O presente artigo se propõe a explicar o papel das Organizações Não Governamentais Internacionais, como elas se desenvolvem e estão agrupadas dentro do contexto da Sociedade Civil, por meio do estudo de caso criou-se uma análise da instituição AIESEC. Utilizando-se desta organização como objeto a ser estudado, e a partir do olhar clínico procurou-se explicitar o que é realmente feito dentro da AIESEC, um organização de terceiro setor. Por meio dos processos utilizados e resultados atingidos dentro da organização, mostrar-se-á a classificação da instituição supracitada de ONG internacional dentro da Sociedade Civil, a instabilidade e desigualdade da instituição em um cenário global, e como ela consegue recursos para manter-se, seja, por meio de taxas de intercâmbio, ou parceria com empresas e governos. Os aportes teóricos que dão suporte para o artigo são fundamentados segundo, Mary Kaldor, Emanuel Adler, Michael Yaziji e Jonathan Doh. Sendo assim, o levantamento dos dados que foram realizados na pesquisa possibilitam que se crie um panorama de estudo, tanto de uma instituição que possui as características suficientes para se enxergar a logística que existe internamente neste tipo de instituição, como, também, para estudos futuros na área que contemple esse tipo de pensamento.

Palavras-chave: ONG's internacionais; Sociedade civil; Terceiro Setor; AIESEC;

¹ Graduanda em Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Grande Dourados.

² Doutor em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Abstract: This article aims to explain the role of International NGOs, how they develop themselves and they are grouped within the context of Civil Society, through the case study, it was created an analysis of the AIESEC institution. By using this organization as the object to be studied, and from the clinical gaze we tried to explain what is actually done within inside AIESEC, a third sector organization. By the procedures used and results achieved within the organization, we show the classification of the aforementioned institution of international NGO within civil society, the instability and inequality of the institution on a global level and how it maintains itself, whether this is being done through exchange fees or partnership with companies and governments. The theoretical resources that support for the article are based second, Mary Kaldor, Emanuel Adler, Michael Yaziji and Jonathan Doh, therefore, the collection of data that have been made in the research make it possible to create a study overview, both of an institution that has sufficient features to see the logistics that exists internally in this type of institution, as also for future studies in the area that includes this kind of thinking.

Keywords: International NGO's; Civil Society; Third Sector; AIESEC;

INTRODUÇÃO

O tema contemplado neste estudo foi escolhido para sanar algumas inquietações, dentre as quais, abrangem, por exemplo: “quais são as funções das organizações não governamentais internacionais”. Ao se pensar no mencionado, escolheu-se como objeto de análise a instituição: AIESEC, esta se tornou nosso objeto específico para tal. A respeito da instituição existem algumas particularidades, começando pela denominação AIESEC que é um acrônimo em francês, que significa: “*Association internationale des étudiants en sciences économiques et commerciales*³”, ou “Associação Internacional de Estudantes de Ciências Econômicas e Comerciais”. Com o passar dos anos a organização passou a abranger estudos de mais cursos e deixou de ser um acrônimo e manteve-se apenas um nome.

O suporte reflexivo deste artigo possui como base uma análise logística da instituição citada, nesse sentido, o mesmo procura constatar como funciona a sua realidade operacional frente ao modelo de Organizações não Governamentais Internacionais (ONG's internacionais). Em outras palavras, a análise das atividades destinadas as ONG's internacionais como elemento guia para entender também, a logística interna e a externa da organização.

O artigo apresentado se torna relevante à medida que se observa as relações das ONG's internacionais no cenário internacional frente aos Mercados e aos Estados, como, também, a constatação da crescente empregabilidade do terceiro setor.⁴ Sendo assim, ao constatar a logística interna das Organizações Não Governamentais Internacionais, promove uma ação reflexiva e crítica a respeito do mencionado, em outras palavras, isso promove a reflexão a respeito de um assunto que, por si só já possui importância, visto que, estas instituições projetam inúmeras ações na estrutura da sociedade.

Outro fator é o conceito de sociedade civil que foi entendido de diversas maneiras ao longo dos séculos. Como lembra Kaldor (2003, p. 7), antes este tema era visto como parte do

³Para maiores informações vide: “60 years of activating youth leadership” de AIESEC International.

⁴Para maiores informações vide: “The Nonprofit Sector in Brief 2014 Public Charities, Giving, and Volunteering” de Brice S. McKeever and Sarah L. Pettijohn e “Beyond charity Nonprofit Business in Montgomery County, Maryland” de Nonprofit Montgomery

Estado, ou sociedade política, focada em resolver problemas da sociedade, enquanto o Estado focava nos problemas políticos, porém isso muda à partir de Hegel, um dos pensadores que ajudou a conceituar a ideia da Sociedade Civil. Ou seja, começamos a entender claramente quais são as funções e até onde chega à jurisdição das mesmas, assim como, a separação de ambos com suas qualidades específicas. Nesse sentido, entende-se que:

[...] representa uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos e que este constitui uma estratégia de pesquisa utilizada nas Ciências Sociais (ARAÚJO, 2008, p. 21).

O artigo está organizado de forma a apresentar uma leitura sobre a organização da “Sociedade Civil”, suas diferentes classificações e como este tema tem sido abordado por diferentes autores de Relações Internacionais. Buscou-se organizar, também, no segundo tópico, uma apresentação sobre a Teoria Construtivista e como ela se relaciona com o tema do artigo. Assim sendo, o último tópico discorre acerca de uma leitura e explanação sobre as “Organizações Não Governamentais Internacionais”, como elas agem, como se diferenciam, a quem beneficiam e como elas se sustentam nos dias atuais, através do estudo de caso da organização AIESEC⁵.

Foi tomado como aporte teórico do trabalho, o conceito de divisão da Sociedade Civil apresentado segundo Mary Kaldor, e o de Organizações Não Governamentais de Jonathan Doh e Yaziji Michael. A teoria que entrelaça o trabalho é a construtivista, dentro do âmbito das Relações Internacionais, tendo como autor principal desta pesquisa Emanuel Adler.

Por fim, como supracitado, buscou-se constatar por meio de análise da instituição supracitada, a logística organizacional da ONG internacional, analisando a teoria e a realidade dentro das organizações de terceiro setor utilizando o nosso objeto de estudo.

1. SOCIEDADE CIVIL E SUAS IMPLICAÇÕES

⁵ Uma das autoras do artigo estudou a organização de perto, pois ingressou na instituição em maio de 2013 em um comitê no Brasil e hoje ocupa o cargo de Diretora Nacional de Intercâmbios para Estudantes e de Marketing para Consumidores da AIESEC na Noruega.

Ao se estruturar o artigo, observou-se a necessidade de se criar um tópico que versasse sobre a Sociedade Civil e suas peculiaridades. Ela faz parte do terceiro do setor e podemos ver ao longo deste tópico, que o seu entendimento mudou um pouco desde o início do uso do termo até os dias de hoje.

Dagnino afirma que, “Cada ideia de sociedade civil implica certa concepção de como a sociedade deve se parecer e de como a política deve operar. Neste sentido, diferentes entendimentos da sociedade civil transmitem diferentes projetos políticos, e estão sempre em disputa.” (DAGNINO, 2011, p. 122)⁶.

Em sentido semelhante, Kaldor (2003, p. 6) salienta que termo conhecido hoje por “sociedade civil” surgiu entre os séculos XVII e XVIII. Apesar de o termo já haver aparecido antigamente, ele foi revivido entre aqueles séculos graças à influência de teorias relacionadas aos direitos individuais e ao contrato social, porém, a ideia de igualdade humana, representando o sentido mais moderno do termo, foi retirada do Cristianismo e vinculada ao conceito junto às demais influências. Época qual a sociedade civil cumpria mais ou menos o mesmo papel da “sociedade política”, as diferenças eram baseadas no fato que a sociedade civil não contrastava com o Estado e era pacífica.

Para Edwards (2011, p. 30), o termo “sociedade civil” é impulsionado por ações coletivas de um grupo que busca viver de acordo com normas consideradas importantes e positivas pelos seus integrantes. Por meio destas ações, eles almejam alcançar suas necessidades diárias individuais e da comunidade. As organizações sem fins-lucrativos fazem parte de uma divisão importante da sociedade civil, porém, este termo não pode ser utilizado para substituir o outro, pois não são sinônimos.

Kaldor salienta que hoje o termo/conceito se constitui em três versões. A versão “ativista”, a neoliberal e a pós-moderna.

A primeira versão é a que eu chamo a versão 'ativista'. Esta é a versão que iniciou o renascimento contemporâneo do termo, tanto na América Latina como na Europa Oriental. O termo surgiu simultaneamente nas décadas de 1970 e 1980, e, segundo meu entendimento, sem qualquer comunicação nestas duas regiões como uma

⁶ Em relação às citações em língua estrangeira, será adotado o seguinte procedimento: as citações serão traduzidas pelos autores no corpo do artigo, e citadas no original em notas de rodapé, a saber: “Every notion of civil society implies some conception of how society should look and how politics should operate. In this sense, different understandings of civil society convey different political projects, and are always in dispute”.

maneira de descrever os esforços para criar espaços públicos autônomos no contexto de estados autoritários - ditaduras militares na América Latina e regimes comunistas totalitários na Europa Oriental (KALDOR 2010, p. 08)⁷.

De acordo com este trecho e com Edwards *apud* Dagnino, a sociedade civil foi muito forte na América Latina devido aos regimes autoritários que aqui existiam. Porém, mesmo com a reabertura da democracia no subcontinente, o papel assumido por ela não deixou de ser importante, ainda mais, com a ascensão dos governos mais alinhados a esquerda em alguns países, trazendo a perspectiva do terceiro setor, como um meio de prestação de serviços, e que traz a possibilidade da democracia participativa.

A versão defendida como neoliberal por Kaldor (2003, p. 9) é geralmente associada às ideias do “terceiro setor” ou do “setor sem fins lucrativos”. Defende o conceito de que este grupo não é controlado pelo Estado (primeiro setor), e nem pelo mercado privado (segundo setor), mas, que ele possui maior flexibilidade e abertura do que o próprio Estado, e, também pode oferecer serviços sociais. “Falhas de mercado e crise econômica, como os da Ásia [na década de 1990] foram atribuídos a falhas de governança, especialmente a corrupção. A sociedade civil esperava-se, ser capaz de corrigir isso (KALDOR, p. 10)⁸”.

Conforme Kaldor (2003, p. 10), a versão pós-moderna argumenta que fora da Europa Ocidental e da América do Norte a associação de alguns voluntários já poderia ser entendida como Sociedade Civil, o que gerou discussões na década de 1990 por doadores ocidentais. A razão que gerou conflito foi que, segundo este conceito, um grupo extremista, ou religioso pode ser considerado como parte de uma Sociedade Civil não importando se eles defendem mecanismos de controle social como, por exemplo, a Al-Qaeda. De acordo com os pensadores pós-modernos, a definição do conceito não é dividida se a sociedade civil é ocidental e “boa”, ou “ruim” e não – civilizado.

⁷The first version is what I call the ‘activist’ version. This is the version that initiated the contemporary revival of the term in both Latin America and Eastern Europe. The term emerged simultaneously in the 1970s and 1980s, and as far as I know without any communication, in these two regions as a way of describing the efforts to create autonomous public spaces in the context of authoritarian states — military dictatorships in Latin America and totalitarian Communist regimes in Eastern Europe.

⁸Market failures and economic crises like those in Asia were attributed to failures of governance, especially corruption. Civil society, it was hoped, could correct this.

Abaixo a tabela criada por Kaldor (2003, p. 12)⁹ explica de maneira clara as diferenças entre os atores da sociedade civil. Neste artigo, abordamos a fundo somente o papel desenvolvido pelas ONG's, a saber:

| <i>M. Kaldor</i> | | | | |
|--|---|--|--|--|
| Tabela 1: Tipos de Atores da Sociedade Civil | | | | |
| | Movimentos sociais | ONG's | Organizações sociais | Grupos Nacionanistas e religiosos |
| Missão | Emancipação do pobre e do excluído | Desenvolvimento e ajuda humanitária | Proteção e promoção dos interesses dos membros | Empoderamento dos grupos nacionais e religiosos |
| Atividades | Protestos, demonstrações, eventos midiáticos | Prestação de serviços e de defesa | Prestação de serviços, lobbying | Mobilização através da mídia, organizações religiosas e, às vezes, da violência |
| Composição social | Ativistas, indivíduos comprometidos, estudantes | Equipe de profissionais | Trabalhadores, agricultores, empresários, comunidades locais, pessoas deslocadas | Grupos recém urbanizados, camponeses |
| Formas de organização | Alianças horizontais, rede | Varia de empresarial e burocrática para informal e de pequena dimensão | Varia de vertical e hierárquico para redes informais | Vertical e hierárquico, embora possa associar as redes de células bem organizadas, liderança carismática |

(KALDOR, 2003, p. 12)

Existem quatro tipos de atores da Sociedade Civil, os Movimentos Sociais, as ONG's, as Organizações Sociais e os Grupos Nacionalistas e religiosos. Estes atores estão divididos por missão, atividades, composição social e formas de organização (vide tabela acima). Assim sendo, fica claro que, cada tipo de ator se organiza de maneira diferente para atingir objetivos diferente, e como dito acima, não existe uma definição de Sociedade Civil “boa” ou “má”, há apenas uma definição baseada em suas atividades.

2. A TEORIA CONSTRUTIVISTA FACE À SOCIEDADE CIVIL

A abordagem escolhida para o trabalho foi a teoria construtivista. De acordo com Pecequillo (2004), o construtivismo é uma das novas teorias dentro do campo das Relações Internacionais surgiu durante os anos 1980 em oposição a duas tradições intelectuais, o realismo e o liberalismo. O primeiro grupo de pesquisadores que decidiu analisar o impacto de ideias sociológicas foi chamado de pós-positivista. Esse grupo se desmembrou em três outros, o grupo da teoria construtivista, o da teoria crítica e o grupo da teoria de gênero, porém neste artigo apenas o da teoria construtivista será abordado.

⁹ Optou-se por usar a mesma tabela que a autora supracitada criou, porém, aqui se fez necessária a tradução.

Apesar de apresentar teóricos com premissas diferentes, segundo Julia Faria Camargo (2009), a principal fundamentação do construtivismo é de que vivemos em mundo que muda conforme as decisões humanas, ou seja, ele é socialmente construído e desconstruído. Sua epistemologia e ontologia se encontram entre o idealismo e o materialismo.

Dentro do âmbito das Relações Internacionais o Construtivismo se preocupa com a construção da realidade da política internacional. De acordo com Adler (1999), os debates metodológicos foram superados pelos debates ontológicos, trazendo o papel e o impacto das ideias dentro do cenário da realidade internacional. O debate epistemológico trouxe a causalidade como um elemento novo, passando a analisar o que orienta as condutas ao longo do tempo. Segundo os positivistas, a causalidade é fruto do materialismo, porém na nova concepção, a mesma causalidade vem dos valores, ideias e do conhecimento mútuo. A esse respeito Emanuel Adler afirma que:

O construtivismo, em oposição ao realismo ou ao liberalismo, não é uma teoria política per se. Ele, é, na realidade, uma teoria social na qual as teorias construtivistas de política internacional – como, por exemplo, sobre a guerra, a cooperação e a comunidade internacional – se baseiam. O construtivismo pode iluminar características importantes da política internacional que eram antes enigmáticas e tem implicações práticas cruciais para a teoria internacional e as pesquisas empíricas (ADLER, 1999, p. 206).

Para realizar-se o debate ontológico e epistemológico das ideias, Steven Wooglar descreveu três perspectivas: a reflexiva, a constitutiva e a mediativa (Wooglar, 1983). A primeira sugere que a realidade pode ser representada em descrições verdadeiras, mesmo esta não sendo dependente de percepção. A maior parte dos estudiosos de relações internacionais seguem essas perspectivas, pois, entendem que as ideias não são as responsáveis por estruturar e construir o nosso mundo material, mas servem para refletir o mundo, e também justificar causas materiais. Já a perspectiva constitutiva acredita que a realidade material só pode ser conhecida por meio da linguagem humana, por isso, seus estudiosos adotam a posição relativista defendendo que o que importa é a organização do discurso. Por fim, os mediativistas defendem que o mundo real é influenciado por fatos sociais e pelo conhecimento, eles são considerados realistas ontológicos.

2.1 A *Verstehen* e as Ações Humanas.

A *verstehen*, que é “a interpretação entre o objeto e o sujeito”, gera diferentes opiniões entre os racionalistas, os relativistas e os pós-modernos. Os primeiros entendem essa interpretação como o entendimento do observador, o que é falho, pois a não ser que ele utilize padrões sistemáticos, teremos apenas o seu ponto de vista para analisar. Os relativistas afirmam que é por meio dos conceitos que podemos dominar nossa realidade. Por último, o terceiro grupo defende que não deveria se perder tempo à procura de uma realidade objetiva, se não se sabe se ela realmente existe. Nesse caso, conclui-se que dentro do campo do construtivismo a *verstehen* é a Realidade Social (Adler 1999).

Depois de concluir que as ideias afetam a realidade, resta entender se as mesmas partem de um ponto individualista, ou de um grupo. De acordo com Adler (1999, p. 209), para pensadores como Jon Elster, é a ação humana individual que reflete na realidade social, um bom exemplo disso, é o papel da ideia aplicado na teoria dos jogos. Existem estudiosos como Durkheim que defendem que a realidade coletiva é expressa por uma ideia coletiva como, por exemplo, as representações religiosas, e para Hollis e Smith, ambos os lados refletem na construção realidade social, pois, utilizando-se da teoria da estruturação de Giddens, tanto o agente como a estrutura afetam o comportamento social. Ao analisar o contexto das ONG’s internacionais, pode-se chegar à conclusão de que, ambos os lados têm a sua influência na construção da realidade como conhecemos.

2.2. O Construtivismo e as ONG’s internacionais

Por ser uma teoria que possui várias vertentes, o construtivismo nos permite analisar como as organizações não governamentais internacionais cruzam fronteiras interagem entre si, e entre outros atores do cenário internacional.

De acordo com Scherma (2015, p. 37), “para os construtivistas nossa construção social é reflexo da maneira de como nós percebemos a interação entre os atores, por essa razão ela não é absolutamente estática, afinal, alterações ao nosso redor podem levar às novas concepções”. Tendo isso em conta, analisamos que as ideias possuem um papel determinante nessa construção social do sistema e acabam direcionando o comportamento dos nossos atores para um lado, ou para outro.

Ao discutir o papel das ideias, adentra-se em uma reflexão complexa, pois a sua importância e influência não dependem apenas da comprovação de sua existência. Diferentes instituições governamentais são fornecedores de ideias, e por isso acabam exercendo certa influência na sociedade (Philpott, 2001).

Com base nos conceitos apresentados acima, entende-se que as ideias que movem as Organizações Não Governamentais internacionais, e também tem o poder de influenciar aquelas pessoas que são afiliadas a elas, ou que estão em contato direto com estas instituições.

3. ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS INTERNACIONAIS: ESTUDO DE CASO SOBRE A AIESEC

Para explorar o tema das Organizações Não Governamentais Internacionais, decidiu-se tomar uma por objeto de estudo, para poder ter um ponto de vista mais crítico entre a teoria e a realidade das ONG's internacionais e da instituição escolhida, neste caso, a AIESEC.

1. Organizações Não Governamentais Internacionais: definição e classificação

As Organizações não governamentais também são conhecidas por serem organizações sem fins de lucro. Fernandes (1997, p. 27) comenta que, “a expressão ONG surgiu na nomenclatura para representar as Nações Unidas e, também, passou-se a chamar assim às Organizações Internacionais que não estão ligadas ao governo”, porém, possuem poder transnacional, afinal, entende-se de maneira geral que a característica principal de uma organização não governamental é, justamente, não possuir uma natureza dentro do âmbito de governo.

Em sentido semelhante, Kaldor (2003, p. 12), comenta sobre o termo ONG, ou ONG's (organizações internacionais não governamentais) são antigos, “no começo do século XX, já havia mais de 1000 ONGI's registradas. Este número cresceu depois da II Guerra Mundial e, na Conferência de Estocolmo em 1972, começou-se a organizar as ONG's por setor de atuação e problemáticas com as quais trabalhavam”.

Assim sendo, perceber-se que, mesmo Kaldor defendendo que o termo ONG é antigo, talvez apenas o seu conceito seja, visto que a nomenclatura começou a ser usada na metade

do século XX para definir organizações transnacionais. A abreviatura “ONG” e o que ela representa por meio de suas divisões, como o conhecemos hoje são relativamente novos se olharmos por uma perspectiva histórica. A ideia do que uma ONG realmente representa passou por transformações importantes, para chegar à forma como conhecemos e, para que pudéssemos ter o entendimento de Organizações Não Governamentais Internacionais, pois, são organizações que possuem tal relevância a ponto de ter voz e de se relacionar com o Primeiro Setor (Estados) e o Segundo Setor (Empresas) dentro do cenário internacional.

De acordo com Doh e Yaziji (2009)¹⁰, o termo “organizações não governamentais”, ou “ONG’s” é usado de maneira livre e ampla, o que acaba se referindo a organizações que não são nem parte da iniciativa privada e nem parte do governo. A classificação das ONG’s é feita por meio de duas vertentes.

A primeira é a vertente “beneficiária”, ou seja, para quem elas trabalham. A segunda vertente, que interage com a primeira, é definida por seu tipo de atividade. A figura abaixo mostra como essas vertentes combinam em uma matriz.

| | | | |
|--------------------------|---------------|---|--|
| Beneficiário | Auto | Alcoólicos Anônimos Clubes de Xadrez | Uniãoes trabalhistas Associações comerciais |
| | Outros | Exército da Salvação CARE | WWF Anistia Internacional |
| | | Serviço | Defesa |
| Tipo de atividade | | | |

Figura 2. (DOH & YAZIJI, 2009, p. 05)

Como demonstrado no quadro acima (Doh e Yaziji. 2009. p. 05), as atividades realizadas pelas ONG’s se conectam a quem elas beneficiam. Uma ONG pode buscar

¹⁰ Optou-se por usar a mesma tabela que os autores supracitados criaram, porém, aqui se fez necessária a tradução.

benefícios para seus membros e oferecer-lhes serviços, como é o caso de organizações como os Clubes de Xadrez, ou pode beneficiar a seus membros por meio de uma atividade de defesa, como é o caso das Uniões trabalhistas. Se uma ONG não busca beneficiar a seus membros, ela busca beneficiar a terceiros, também lhes oferecendo serviços, como, por exemplo, o Exército da Salvação, ou oferecendo-lhes defesa, como é o caso da Anistia Internacional.

Nesse ponto, se fez necessário explicar os conceitos de “serviços” e “defesa”, conexos a ideia do conceito de ONGs, a saber: “ONGs de defesa trabalham para moldar o sistema social, econômico, ou político para promover um determinado conjunto de interesses ou ideologia.” (DOH e YAZIJI, 2009, p. 8)¹¹. Basicamente, elas são responsáveis por dar voz e defender o parecer de algum grupo.

Existem dois tipos de ONG’s de defesa, as “fiscalizadoras” e as de “movimentos sociais”. A primeira não busca a mudança radical do sistema, mas, procura assegurar que as organizações estão respeitando as normas e requerimentos necessários. A segunda, por sua vez, pretende reestruturar o sistema, quanto mais radical a organização, mais mudanças ela procura alcançar.

O outro tipo de ONG que encontramos são as ONG’s de serviço. De acordo com Doh e Yaziji (2009, p. 09) estas organizações são responsáveis por atender as necessidades da sociedade por meio do fornecimento de serviços e de bens. Por fim, segundo os mesmos autores, é possível encontrar ONG’s que são híbridas, ou seja, que oferecem serviço e defesa para seus beneficiários, como é o caso da WWF (World Wide Fund for Nature) e da Oxfam.

3.2. ONG’s e sua relação com as empresas e os Estados.

Para melhor desenvolvimento aproveitamento e entendimento do todo relacionado no artigo, foram exploradas algumas relações básicas entre os Estados, as empresas e as ONG’s, que formam parte da Sociedade Civil, para entender como as três esferas da sociedade se relacionam entre si. Segundo Perez (2005, p. 55), muitos consideram que o terceiro setor é uma forma de autonomia e democratização da sociedade civil, frente ao

¹¹ Advocacy NGOs work to shape the social, economic or political system to promote a given set of interests or ideology.

governo. As ONG's permitem que diferentes classes, principalmente, a classe média, possam dialogar com o poder governamental.

De acordo com Monte (2004), o papel do Estado foi evoluindo desde a década de 30, onde tivemos uma grande crise mundial que afetou todos os setores da sociedade. No caso do Brasil, o Estado já foi responsável por buscar a industrialização e modernização da agricultura nas décadas de 1950 e 1960, porém, acabou fracassando em entregar algumas tarefas prometidas, o que levou a ter sua imagem deteriorada na década de 70. Já na década de 1980, o país adotou medidas neoliberais, passando a ter mais a função de regulador e delegando a função da questão social a outros, “dessa maneira, as atividades sociais passam a ser desempenhadas não somente pelo Estado, mas, sobretudo, por organizações da sociedade civil.” (Monte, 2004, p. 28). A esse respeito Montañó afirma que:

O objetivo de retirar o Estado (e o capital) da responsabilidade de intervenção na “questão social” e de transferi-los para a esfera do “terceiro setor” não ocorre por motivos de eficiência (como se as ONGs fossem naturalmente mais eficazes que o Estado), nem apenas por razões financeiras: reduzir os custos necessários para sustentar esta função estatal. O motivo é fundamentalmente político-ideológico: retirar e esvaziar a dimensão de direito universal do cidadão quanto a políticas sociais (estatais) de qualidade; criar uma cultura de auto-culpa pelas mazelas que afetam a população, e de auto-ajuda e ajuda mútua pelo seu enfrentamento; desonerar o capital de tais responsabilidades, criando, por um lado, uma imagem de transferência de responsabilidades e, por outro, a partir da precarização e focalização (não universalização) da ação social estatal e do “terceiro setor”, uma nova e abundante demanda lucrativa para o setor empresarial (Montañó, 2002, p. 23).

O segundo setor, representado pelo mercado e pelas empresas, é aquele que busca o lucro através de suas atividades, porém, estão sujeitos as mudanças econômicas. De acordo com Monte (2004), o mercado é responsável pela manipulação da mídia, e pelo financiamento de campanhas políticas, interferindo diretamente, nos outros dois atores da sociedade.

A relação entre ONG-empresas se dá pelo desenvolvimento do conceito de Responsabilidade Social. “Isso tem ocorrido porque a busca pelo diferencial competitivo em tempos de globalização aponta para ações que visem a questões sociais, como propõe o conjunto de ações conhecido como responsabilidade social.” (Monte, 2004, p. 12). O

conceito de Responsabilidade Social envolve a perspectiva de a empresa busca, além de lucro, contribuir socialmente com os seus funcionários e/ou com a sociedade ao seu redor, através de incentivo a atividades do terceiro setor.

Entende-se aqui que, o fato de as ONG's internacionais não pertencem nem ao primeiro, nem ao segundo setor, nada as impede de interagir com os outros órgãos representantes dessas esferas, mesmo alguns teóricos pensando de maneira diferente, afinal, todas essas esferas convivem no mesmo espaço dentro da sociedade e do sistema internacional. A partir deste ponto, começa-se o estudo de caso sobre a ONG internacional: AIESEC.

3.3. AIESEC: Definição, história e pormenores.

A AIESEC é uma ONG sem fins lucrativos, presente em mais de 125 países e territórios, cuja língua oficial é o inglês, pois, sendo uma organização global, essa é a língua que facilita a comunicação em todos seus vieses. Sua fundação realizou-se em 1948, sendo que, a mesma se mantém em funcionamento até os dias atuais.

A ideia por trás da instituição surgiu na década de 1930 quando os intercâmbios estudantis começaram a surgir na Europa, porém, depois da II Guerra Mundial um grupo de 07 jovens universitários de sete países diferentes - Dinamarca, Bélgica, Noruega, Finlândia, França, Países Baixos e Suécia - percebeu duas coisas: tantos conflitos existiam por falta de entendimento multicultural e que precisavam de uma organização que oferecesse suporte ao seu intercâmbio universitário¹².

A AIESEC, enquanto organização virou realidade em uma conferência de março de 1949 quando estes sete jovens se juntaram em uma conferência em Estocolmo e definiram uma constituição, um nome e um lema para a organização. O nome AIESEC foi escolhido por ser um acrônimo em francês de “*Association internationale des étudiants en sciences économiques et commerciales*”, ou “Associação Internacional de Estudantes de Ciências

¹² Sabemos que a fundação da instituição está sendo contada pela própria, porém, como não há documentos provenientes de outras fontes, usaremos as informações que a ONG internacional oferece para realizar o estudo histórico de sua fundação.

Econômicas e Comerciais”. Anos depois a organização passou a abranger mais cursos e nome deixou de ser um acrônimo e manteve-se um nome¹³.

A sede da AIESEC Internacional é localizada em Roterdã, nos Países Baixos e é gerida por um time de 24 pessoas, sendo um deles o presidente. Cada país e território¹⁴ onde a AIESEC está presente possui um corpo diretivo composto por um presidente e um ou mais diretores nacionais (dependendo de sua capacidade financeira e de intercâmbios). Cada entidade nacional, por sua vez, possui seus escritórios locais que possuem seus presidentes, diretores locais, líderes de time e membros.

3.4 A estrutura da Instituição

Os cargos da AIESEC são rotativos, não é possível ficar na mesma função por anos. Os cargos de maior duração são de dois anos e correspondem apenas aos fundadores de entidades em novos países (ou territórios), ou a cargos específicos da AIESEC *International* (AI). Dentro de escritórios locais, nacionais e internacionais a duração de cada função é de no máximo um ano. A organização defende que quando você aprendeu a desenvolver seu trabalho, você deve subir dentro da hierarquia organizacional, e ensinar a uma nova pessoa, enquanto você faz e aprende algo novo. Caso a pessoa não queria subir de cargo, ela pode deixar a organização e praticar o que aprendeu em outras organizações.

A figura abaixo criada pela autora do artigo demonstra como funciona a hierarquia organizacional geral a nível global dentro da AIESEC.

Estrutura Organizacional Internacional da AIESEC

¹³Para maiores informações vide: “The AIESEC Way” por AIESEC International e o Compendium da organização, atualizado pela última vez em fevereiro de 2016.

¹⁴A AIESEC sempre conta sua representação por países e territórios, pois alguns lugares onde ela possui uma sede fixa não são reconhecidos como países independentes pela ONU, ou por outros governos, como é o caso da AIESEC em Taiwan e da AIESEC em Hong Kong que atuam de maneira separada da AIESEC na China.

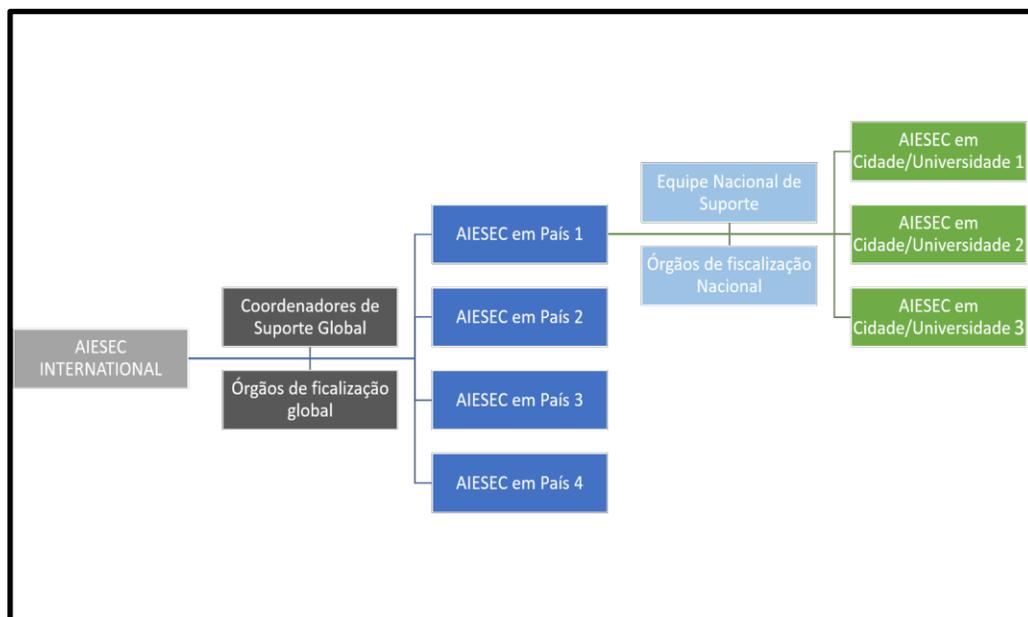


Figura 3. Dados trabalhados pela autora.

Como se pode ver na figura acima, abaixo da equipe que gere a *AIESEC International* há Coordenadores Globais e Órgãos, que fiscalizam a legalidade dos processos a nível global. Abaixo destes últimos estão os grupos responsáveis pelas representações da AIESEC em cada país – estes prestam contas diretamente a *AIESEC International* e às vezes aos responsáveis que os intermediam. Abaixo das diretorias nacionais estão às pessoas que formam parte dos Órgãos responsáveis por assegurar a legalidade dos processos a nível nacional e as pessoas que trabalham nas equipes nacionais de suporte. Por fim, temos as diretorias locais da organização, responsáveis por representar a instituição dentro de uma cidade, ou de uma universidade em cidades onde há mais de uma representação física da AIESEC. As diretorias locais prestam contas a sua AIESEC nacional e por vezes aqueles que os intermediam também.

3.5. Como a instituição trabalha

A instituição promove a oportunidade de desenvolvimento de liderança jovem por meio de seus programas de filiação de membros, e de intercâmbio internacional, sendo ele social, ou profissional. Através de um discurso motivador, ela busca convencer os jovens a fazerem seus intercâmbios oferecendo em troca experiência internacional e profissional

abaixo do preço geralmente encontrado no mercado. Ela também utiliza um discurso motivador para encontrar membros novos, os atraindo pelas oportunidades de se desenvolverem gerando um impacto positivo na sociedade e mostrando os parceiros que possuem a nível nacional e global que dão preferência em processos seletivos para quem já fez parte da organização.

A explicação de como a AIESEC busca trabalhar, com as pessoas que já tem contato com ela e as que não têm contato ainda, pode ser entendida pela figura abaixo.

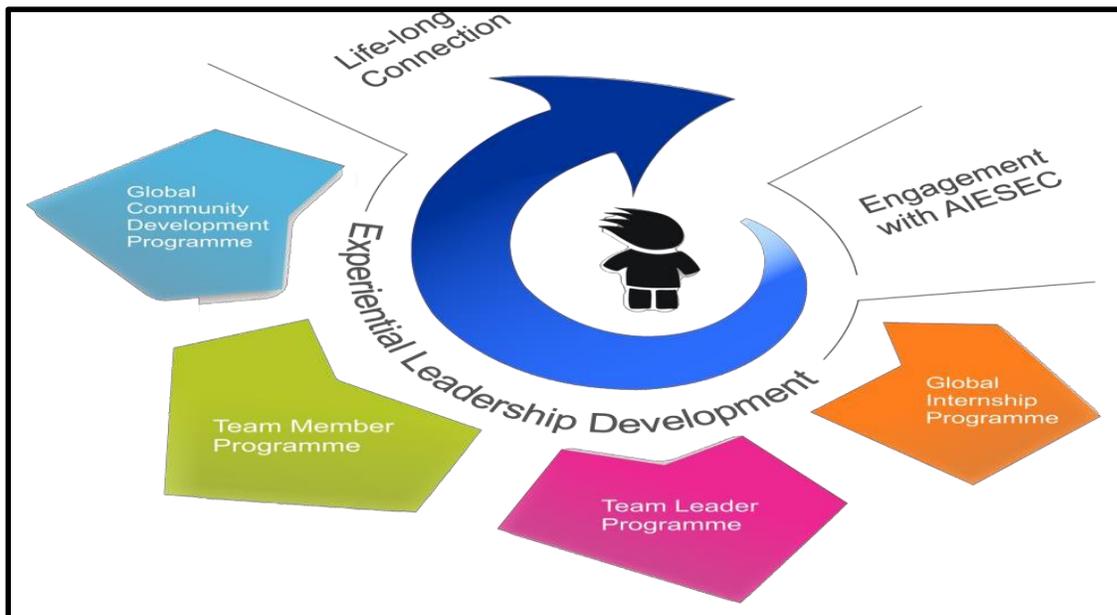


Figura 4. AIESEC Experiential Leadership Development Model, *output* de conferências.

Olhando por um ponto de vista mais crítico, percebe-se que em cada fase ela se promove de uma maneira, porém, age de outra. Por exemplo, o primeiro ponto é o *Engagement with AIESEC* (Engajamento com a AIESEC) que é onde os externos à organização tem o seu primeiro contato com ela por meio de parcerias ou programas não oficiais como o de hospedar um intercambista. A organização promove as pessoas que recebem um intercambistas em sua casa, enquanto por outro lado à organização não precisa se responsabilizar por alugar um quarto, ou um apartamento para os intercambistas que recebe.

Os pontos centrais são os das experiências de filiação. O verde, *Team Member Programme*, é o programa que a pessoa pode se desenvolver sendo apenas membro da organização – sem assumir nenhum “cargo de liderança”. Os membros novos geralmente se encaixam nesta divisão, pois, eles compram a ideia de uma nova experiência profissional dentro de uma organização internacional e a oportunidade de ter vantagens competitivas em processos seletivos de empresas, que são parceiras a organização.

O ponto em rosa, *Team Leader Programme*, é o programa onde o membro assume a responsabilidade de ser o líder de um time, seja o time responsável por um projeto, uma área, um comitê, um país (ou território), ou a nível internacional – ou seja, quando o membro é o responsável final pelo desempenho de uma área. Os membros que possuem pelo menos 03 meses de organização acabam se aplicando a uma dessas vagas, pois, sabe que quantos mais cargos acumularem dentro da organização, maior será a sua vantagem competitiva dentro de empresas parceiras a organização.

O programa em laranja é o programa de intercâmbio mais antigo da AIESEC. O *Global Internship Program* (GIP – Programa de Estágio de Global) recebeu este nome há pouco tempo, porém, sempre foi vendido como um intercâmbio internacional profissional. Hoje este tipo de intercâmbio também envolve uma adaptação que surgiu em 2015, o *Global Entrepreneur* (GE – Empreendedor Global). A diferença básica entre os dois é que, o primeiro, dura de 12 a 72 semanas, o intercambista recebe dentro da empresa que trabalha e na maioria das vezes o programa exige um diploma de ensino superior.

O segundo por sua vez, dura de 6-12 semanas, trabalha com start-ups, na maioria das vezes não oferece um serviço remunerado ao intercambista, apenas hospedagem e alimentação, além de não exigir um diploma de ensino superior. A pessoa que decidir fazer o primeiro intercâmbio vai atrás de desenvolvimento profissional e na maioria das vezes não possui uma experiência profissional relevante em seu país, então a AIESEC ganha o intercambista por essa oportunidade. A empresa que fecha o contrato com a AIESEC por outro lado tem a vantagem de não precisar contratar a pessoa após o tempo de serviço acabar, muitas vezes ela paga um salário abaixo do valor do mercado, afinal o intercambistas está buscando mais a experiência do que o dinheiro.

A AIESEC, como intermediadora deste programa recebe dinheiro em uma taxa de aplicação do intercambista – no país de onde a pessoa veio –, e a AIESEC para onde o

intercambista vai receber dinheiro mensalmente da empresa que contratou seus serviços, como uma espécie de “taxa de manutenção”. Apesar de ser uma organização sem fins lucrativos, os intercâmbios profissionais de longa duração (GIP) são altamente rentáveis e capazes de custear bem mais do que os gastos básicos da organização. Dentro do intercâmbio profissional de curta duração (GE), o intercambista, também, paga para a AIESEC em seu país uma taxa um pouco inferior à primeira citada, e a AIESEC que o recebe ganha dinheiro da empresa que contratou seu serviço apenas uma vez. Esta divisão do programa é menos lucrativa do que a primeira, porém também é bem rentável em longo prazo.

O programa em azul é o maior programa de intercâmbios da AIESEC. O *Global Community Development Program* (GCDP – Programa de Desenvolvimento da Comunidade Global) foi criado em 2010. Neste tipo de intercâmbio, os estudantes vão para outro país realizar um intercâmbio voluntário não remunerado de 06 até 12 semanas. Este programa possui uma duração curta, podendo ser encaixado nas férias da universidade. A promoção deste tipo de intercâmbio é feita de maneira fácil e convincente em países do terceiro mundo, pois além de ser um programa de baixo custo, se comparado com o mercado, ele oferece uma experiência internacional e a chance aprender outros idiomas. Em setembro de 2015 a AIESEC fez uma parceria com as Nações Unidas para reformular todos os projetos que se encaixam nesse programa para que eles atendam um dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e criou o projeto “*Youth for Global Goals*”, que busca fomentar a busca de jovens voluntários para atuar frente a um, ou mais dos 17 ODS.

Basicamente, os intercambistas compram a ideia de se desenvolver enquanto geram um impacto positivo na sociedade trabalhando em ONG’s e escolas públicas, e a AIESEC que envia os intercambistas recebe uma taxa administrativa do programa, e a AIESEC que recebe os intercambistas muitas vezes recebe ou financiamentos de projetos do governo que buscam ajudar aquelas ONG’s e/ou escolas com as quais os intercambistas estão trabalhando, ou recebem um valor de aplicação do próprio intercambista que se aplica para trabalhar em sua entidade.

O último ponto, o *Life-Long Connection*, é o de relacionamento com ex-membros chamados de *alumni*. Cada país e território trabalham de uma maneira distinta com pessoas que já formaram parte da organização. Dentro desta fase a AIESEC busca fechar contratos

com empresas onde seus ex-membros trabalham para gerar mais intercâmbios e assim, mais dinheiro, e também procurar conseguir parcerias com estes *alumni* para conseguir dinheiro e/ou financiamento de projetos, materiais e conferências.

3.6. Teoria *versus* Realidade

Dentro do âmbito da AIESEC, esta ONG não presta serviço somente ao terceiro setor, mas também a empresas. No ano de 2015 a AIESEC no Brasil enviou quase 600 intercambistas para trabalhar em empresas no exterior, foi a instituição a nível global que mais mandou intercambistas profissionais dentro do período da última gestão da AIESEC, iniciado dia primeiro de julho de 2015 e terminado no dia 30 de junho de 2016.

Apesar de promover-se como uma organização igualitária, a nível global cada entidade possui uma realidade bem distinta da outra. As diretorias que mais fazem intercâmbios profissionais são as que recebem mais dinheiro, tendo até um lucro bem alto para uma organização que se promove como “sem fins lucrativos”.

Nós entramos em contato com os países que fazem parte do “Top 10 Global” em número de intercâmbios para saber quais empresas são suas principais parceiras, qual a porcentagem de sua renda vem de alianças com empresas e quanto eles arrecadaram no último ano em dinheiro somente com esse tipo de serviço – excluindo as taxas recebidas por contrato com intercambistas.

Além das 10 entidades, também se entrou em contato com a AIESEC International, pois, é a representação a nível global da organização, e com a AIESEC na Bélgica, pois, ela é a sede que mais possui parcerias com o segundo setor. Provavelmente, isso é reflexo da sua localização geopolítica, afinal, Bruxelas está no coração da Europa e possui grande relevância dentro da União Europeia.

Levantamento de dados das entidades nacionais mais influentes da AIESEC à nível global.

| Pais | Região | Classificação | % de ingresso vindo de parcerias com empresas | % de ingresso vindo dos comitês locais | Valor arrecadado | Empresas parceiras |
|----------------------|--------------------------------|---------------|--|---|------------------|--|
| BRAZIL | Latin America | 1 | 20% | 80% | 800.000 BRL | Para intercâmbio - Santander Votorantim Cimentos Electrolux DHL Express Câmara de Comércio Brasil - Alemanha Instituto Goethe Hotel Botanique Audi do Brasil Resultados Digitais BRF Para Posicionamento de Marca - Votorantim Cimentos Itaú Globo SAP Assist Card Confidence Cambio Kraft-Heinz Kroton FALCONI Resultados Digitais JBS BRF Duratex Bosch Raizen |
| CHINA, MAINLAND | Asia-Pacific | 2 | Não houve resposta | | | |
| COLOMBIA | Latin America | 3 | Não houve resposta | | | |
| INDIA | Asia-Pacific | 4 | 60% | 40% | 355.000 USD | Para intercâmbio - TCS, Godrej, L&T, Microsoft, Indian School of Business, Microsoft, etc. Para Posicionamento de Marca - Microsoft, LinkedIn, Coke, Thomas Cook, etc. |
| EGYPT | Middle East & North Africa | 5 | Não houve resposta | | | |
| RUSSIA | Central and Eastern Europe | 6 | Não houve resposta | | | |
| Indonesia | Asia-Pacific | 7 | Não houve resposta | | | |
| TURKEY | Central and Eastern Europe | 8 | Não houve resposta | | | |
| MEXICO | Latin America | 9 | Não houve resposta | | | |
| PERU | Latin America | 10 | 35% | 65% | não divulgado | Para intercâmbio e posicionamento de Marca - Mapfre, Uber, Tasa, Carlson Wagonlit, Unilever |
| BELGIUM | Western Europe & North America | | 82% (53% de intercâmbio e 29% de posicionamento de marca em eventos) | 18% | não divulgado | Para intercâmbio - WabCo, Allegion, Amadeus, Guardian, Bemis, Biocartis, British Chamber, Bulow Bennett, Coca-Cola, Dandoy, Data Scouts, DHL, EF, Electrolux, Elster, Etex, GSM, ING, iTQi, JADE, Linda Care, LVD, MBA Center Europe, MedTech, Microsoft, Microsoft Europe, Microsoft - Luxembourg, Multiminds, Nerea, Phinest, PWI, rentalValue, Scansource, StartUps.be, SWIFT, Toyota, UCB, UCB - Luxembourg, UPS, World Youth Alliance, You Know Watt, ZN. |
| AIESEC INTERNATIONAL | - | - | 51% | 49% vem das Diretorias Nacionais e Locais | não divulgado | Para intercâmbio e posicionamento de Marca - PwC, DHL, EF, Electrolux, Nike, MindValley, International SOS, Husqvana Group, ING, GMAC, IE, HNA Tourism, ADB, Everis, JCL, OECD, Plan, PVBLIC Foundation, UN Habitat, Uni Places |

Figura 5. Dados trabalhados pela autora.

Utilizando-se da tabela acima, pode-se ver a diferença do montante recebido por cada uma delas e, também, que, nem todas as diretorias nos responderam com valores exatos, ou com a porcentagem de seus ingressos vindos dessa relação com empresas. A organização se vende de maneira transparente em seus discursos motivacionais, porém essa transparência não é aplicada quando falamos de seu relacionamento com o segundo setor.

Observar-se, também, que apesar de os Estados Unidos ainda serem a maior potência global, dentro da realidade da AIESEC eles não realizam tantos intercâmbios e parcerias, não sendo tão relevantes se comparados a outros países em desenvolvimento como o Brasil, Rússia, Índia e China. Para que seja mais fácil acompanhar o desenvolvimento de cada país comparado a outros, a organização criou e deu nome às sub – regiões. As sub – regiões

existentes até a data proposta pelo artigo eram: América Latina, Ásia-Pacífico, Europa ocidental e América do Norte, Europa Central e Oriental, Oriente Médio e Norte da África, e por fim, África – que abrange os países subsaarianos.

Ao se analisar por uma perspectiva global, as regiões que mais possuem resultados em número de intercâmbios são a América Latina e a Ásia – Pacífico. Estas regiões, por serem subdesenvolvidas, possuem muitas oportunidades de intercâmbio abertas e a facilidade de vender a necessidade de um projeto de impacto em seus países devido a sua situação econômica e a as desigualdades sociais que seus países enfrentam. Estas regiões possuem a vantagem de poder vender para seus intercambistas a oportunidade de pagar pouco por um intercâmbio social, e receber a chance de viver em outro país, desenvolver outro idioma, melhorar seu currículo com a experiência internacional e poder, muitas vezes, trabalhar em um projeto sem receber dinheiro, mas recebendo moradia e alimentação em troca.

Apesar de a sub – região, pela divisão da AIESEC, conhecida como “África” ser a mais pobre em quesitos econômicos a nível global, se vê que esta região quase não realiza intercâmbios. Isso se dá por diferentes aspectos, a desigualdade social em alguns países africanos reduz o número de pessoas que realmente podem pagar para fazer um intercâmbio com a AIESEC, custear um seguro internacional e suas passagens. Além disso, a nível global, muitas pessoas decidem não realizar seu intercâmbio na África por medo de conflitos, transmissão de doenças, não gostarem do clima e também por preconceito com a região por sua realidade econômica.

Por meio desses números é possível perceber que a ONG internacional não age de maneira uniforme, e também não se organiza de maneira igualitária ao redor do globo. Nesse tocante, Silva afirma que:

A AIESEC oferece a seus membros, ao longo de seu período na organização, o que chama de atividades de “treinamento e qualificação profissional” com práticas diretas do campo da administração e recursos humanos, remetendo a uma mercantilização das pessoas enquanto “representantes de culturas”, “vendendo” a multiculturalidade enquanto produto. Parece haver um esforço no sentido de alinhar estas pessoas no que tange não somente ao discurso em referência ao “respeito ao outro”, mas em termos de valores, moral e “postura profissional”, antes da sua partida para o exterior, configurando ao que indica uma nova “roupagem” em um grupo bastante específico de imigrantes (SILVA, 2012, p.149).

Esta organização é movida pelos discursos dos membros, e a sua ideia de mudar o mundo como o conhecem através do desenvolvimento de liderança jovem por meio de intercâmbios internacionais sociais e profissionais. Para atingir seus objetivos ela se relaciona com o primeiro e o segundo setor, seja para aumentar sua publicidade externa, conseguir mais renda para suas atividades, ou aumentar o número de intercâmbios que fazem no final de cada período de gestão, explicado nos pontos acima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, depois de todo o caminho percorrido, constata-se que, por meio deste artigo analisou-se a relação entre as ONG's internacionais e as duas outras esferas da sociedade, e um pouco sobre as perspectivas positivas acerca deste relacionamento. Entendeu-se que o terceiro setor possui várias subdivisões, e as Organizações Não Governamentais representam apenas uma pequena parte dele.

Sobre o estudo de caso da AIESEC, esta ONG internacional se encaixaria na divisão de serviços, pois os beneficiários são, antes de todos, os próprios membros, intercambistas e empresas parceiras que têm contato com a AIESEC. É possível observar que os discursos de promoção de intercâmbio e dos programas de filiação sempre trazem as vantagens competitivas que um determinado jovem ganha em seu currículo ao decidir interagir com a organização, a instituição se beneficia ao mesmo momento que propicia o benefício, ou seja, ela busca beneficiar primeiramente aos seus.

A instituição se organiza de uma maneira muito similar a empresas do segundo setor, com várias diretorias e responsáveis. O discurso da organização sobre “gerar liderança jovem” é muito forte, e promovido como se essa habilidade não fosse inata e pudesse ser desenvolvida por meio dos seus programas de filiação de membros e de intercâmbios, sendo eles voluntários, ou profissionais. A instituição também defende um mundo mais globalizado, pessoas com um ponto de vista holístico, e capazes de resolver problemas dentro de um cenário internacional em constante movimento.

Por outro lado, este tipo de intercâmbio leva a choques culturais, constituindo uma quebra de estereótipo dependendo da experiência do intercambista. Acredita-se que este tipo de projeto continuará ainda por muito tempo, pois dentro de um mundo globalizado os jovens

estão buscando cada vez mais oportunidades de ter uma experiência internacional em seu currículo. Porém, a organização deve manter-se atualizada e começar a agir de uma maneira mais profissional desde os seus comitês locais, até às diretorias nacionais, pois, o nível de maturidade e fluxo da entidade é muito diferente a nível global.

Acredita-se, então, que esta pesquisa não termina aqui, mas abre portas para um estudo mais profundo dentro das Relações Internacionais sobre outras divisões da Sociedade Civil, e as suas relações com as demais esferas da sociedade, justamente, pela qualidade e extensão que o assunto possui. Em outras palavras, espera-se que este trabalho se torne o ponto inicial de inúmeras outras pesquisas, ou pelo menos que amenizar as inquietações dos que possuem interesses direto com o assunto.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, E. *O construtivismo no estudo das relações internacionais*. In: Revista Lua Nova, n. 47, 1999, p. 201-246.

CAMARGO, J. F. *Mídia e relações internacionais: lições da invasão do Iraque em 2003*. 1. ed. Curitiba:Juruá, 2009.

DAGNINO, E. The Oxford Handbook of Civil Society. In: EDWARDS, M. *Civil Society in Latin America*, 2011, p. 122-133.

DOH, J. & Yaziji, M. *NGO's and Corporations, Conflict, and Colaboration*, Cambridge, 2009.

FERNANDES, R. C. O que é o Terceiro Setor? In: IOSCHPE, E. B. *3º Setor: desenvolvimento social sustentado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

- KALDOR, M. *Civil Society and Accountability*, Journal of Human Development: A Multi-Disciplinary Journal for People-Centered Development, 2003 4:1, 5-27.
- MCKEEVER, S. & Pettijohn, L. *The Nonprofit Sector in Brief 2014 Public Charities, Giving, and Volunteering*. Urban Institute, 2014. Disponível em: <<http://www.urban.org/sites/default/files/alfresco/publication-pdfs/413277-The-Nonprofit-Sector-in-Brief--.PDF>> Acesso em 10 de junho de 2016.
- MONTAÑO, C. *Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MONTE, T. C. *Parcerias ente ONGs e empresas: uma relação de poder? Um estudo de caso em Recife*, Recife, 2004.
- MONTGOMERY, Nonprofit. *Beyond charity Nonprofit Business in Montgomery County, Maryland*. County of Montgomery, 2013. Disponível em: <<https://www.nonprofitmoco.org/wp-content/uploads/2015/06/beyondcharitymontgomerycountymd.pdf>> Acesso em 10 de junho de 2016.
- TEAM, AIESEC International. *60 years of activating youth leadership*. Rotterdam, Países Baixos, 2008. Disponível em: <http://www.academia.edu/5288037/60_years_of_activating_youth_leadership> Acesso em 23 de fevereiro de 2016.
- TEAM, AIESEC International. *AIESEC Global Compendium*. Marraquexe, Marrocos, 2016. Disponível em: <<http://www.aiesec.org/ai-resources/2016/7/23/global-compendium?rq=compendium>> Acesso em 27 de fevereiro de 2016.
- TEAM, AIESEC International. *The AIESEC Way*. Rotterdam, Países Baixos, 2015. Disponível em: <http://www.academia.edu/5288037/60_years_of_activating_youth_leadership> Acesso em 23 de fevereiro de 2016.
- PECEQUILLO, C. S. *Introdução às relações internacionais: Temas, Atores e Visões*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- PEREZ, C. O. *ONGs e governo: Um estudo sobre as organizações não-governamentais que trabalham com meninos(as) de rua no centro de São Paulo e as relações com a administração municipal*, São Paulo, 2005.

SCHERMA, M. A. *As políticas brasileiras para a faixa de fronteira: um olhar a partir das relações internacionais*, Campinas, 2015.

SILVA, P. K. *Vestindo a Camiseta: engajamento institucional e construção de identidades no contexto de intercâmbios culturais da AIESEC*, Porto Alegre, 2012.

SMITH, S. R. The Oxford Handbook of Civil Society. In: EDWARDS, M. *The Non Profit Sector*, 2011, p. 29-41.

WEBGRAFIA

<http://www.aies.ec>. Acesso em 23 de fevereiro de 2016.

<http://www.aiesecyouthactions Summit.com>. Acesso em 23 de fevereiro de 2016.

<http://www.globalgoals.org/pt>. Acesso em 23 de fevereiro de 2016.

<https://sustainabledevelopment.un.org/sdgs>. Acesso em 23 de fevereiro de 2016.